

COMPENDIO

CHRONOLOGICO

NO QUAL SE TRATA DA ORIGEM, ANTIGUIDADE E NOBREZA DA CASA E LINHAGEM DO APELLIDO DE MOYA

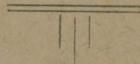


PELO BACHAREL DOM JOSEPH RIVERA DE LA GRANDA.
IMPRESSO EM SEGOVIA, SEM DATA (1743?)

TRADUCÇÃO DO

Tte. Cel. SALVADOR DE MOYA,

DOS INSTITUTOS HISTORICOS DE S. PAULO E PARÁ; DOS INSTITUTOS DE ESTUDOS GENEALOGICOS DE S. PAULO E RIO GRANDE DO SUL; DAS ACADEMIAS DE MALAGA, CADIZ E HUELVA.



São Paulo - 1937

Typ. Cruzeiro do Sul

Trabalhos do mesmo autor:

- I — **Culto á Mulher**, Conferencia, 1912.
 - II — **Descobrimento da America (O)**, Conferencia, 1912.
 - III — **Tratado de fortificação**, 1914.
 - IV — **Liberdade dos Povos (A)**, Conferencia, 1915
 - V — **Maçonaria**, 1927.
 - VI — **Lembrete para os officiaes encarregados de reconhecimentos**, 1930, (Separata da Revista Militar Paulista).
 - VII — **Paulistas no Triangulo Mineiro (Os)**, 1936.
 - VIII — **Reforma Compulsoria (A)**. 1936.
 - IX — **Gonçalves de Queluz (Os)**, (genealogia), 1936. (Separata da Revista do Archivo Municipal).
 - X — **Certidão de Assentamentos**, 1936.
 - XI — **Genealogia da Casa Imperial Brasileira e Real Portuguesa**, (Separata da Revista do Archivo Municipal).
 - XII — **Compendio Chronologico (tradução)** 1937.
-

**PEDIDOS 'A RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA, 506
SANT'ANNA - TELEPHONE: 4-9761 - SÃO PAULO**

COMPENDIO

CHRONOLOGICO

NO QUAL SE TRATA DA ORIGEM, ANTIGUIDADE E NOBREZA DA CASA E LINHAGEM DO APELLIDO DE MOYA



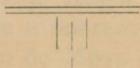
PELO BACHAREL DOM JOSEPH RIVERA DE LA GRANDA.

IMPRESSO EM SEGOVIA, SEM DATA (1743?)

TRADUCÇÃO DO

Tte. Cel. SALVADOR DE MOYA,

DOS INSTITUTOS HISTORICOS DE S. PAULO E PARÁ; DOS INSTITUTOS DE ESTUDOS GENEALOGICOS DE S. PAULO E RIO GRANDE DO SUL; DAS ACADEMIAS DE MALAGA, CADIZ E HUELVA.



São Paulo - 1937

Typ. Cruzeiro do Sul



Compendio Chronologico

no qual se trata da origem, antiguidade e nobreza da Casa e
Linhagem do appellido Moya.

Eserito, pelo Bacharel Dom Joseph Rivera de la Granda, natural
da cidade de Segovia. Impresso, em Segovia; sem data (em 1743?)

Traducção de
SALVADOR DE MOYA

Recopilação do que ha escripto em varios autores sobre a origem, antiguedade e distincção, que usufrue na Espanha a Casa e Linhagem de Moya.

* * *

O conteúdo deste primeiro discurso, que refere á origem, antiguedade e Nobreza da Casa e Linhagem de Moya, se divide em 3 capitulos.

E as Memorias dos nobres varões que produziram estas linhas, se poem por paragrafos, para que assim seja mais comprehensivel o que nos dizem os autores que se citam sobre este particular.

CAPITULO 1.º

Da origem do apellido e Linhagem de Moya, na Espanha.

Com alguma applicação e cuidado tem-se consultado os autores castelhanos que tratam da origem, antiguedade e nobreza da Casa e Linhagem, que se distingue em Espanha com o apellido de Moya e dizem, conformes, que o illustre progenitor, que deu nome a ésta Linhagem, foi *Don Alvaro Mariño*, legitimo descendente da Excelentissima Casa dos Mariños que se fixaram no Reino de Galicia: e tambem referem que o motivo, causa e razão, que teve este Cavalheiro para deixar o apellido e lustre de sua varonia e tomar o de Moya, foi porque levado do zelo de servir pela fé contra os mouros do Reino de Valencia e suas fronteiras, passou, acompanhado de alguns Cavalheiros de sua linhagem, á villa de Moya, que está situada em Castella, perto de Valera a queimada.



(Armas de Moya, na primeira pagina do original; tamanho natural)



COMPENDIO
CHRONOLOGICO,
EN EL QUAL SE TRATA
DEL ORIGEN,
ANTIGUEDAD,
Y NOBLEZA
DE LA CASA,
Y LINAGE,
QUE SE DISTINGUE
EN ESPAÑA
CON EL APELLIDO
DE MOYA.
ESCRITO

POR EL BACHILLER DON JOSEPH RIVERA DE LA
Granda, natural de la Ciudad de Segovia.
(Frontispicio da obra; tamanho natural)

E occupando alli este valoroso Heròe os Póostos correspondentes ao sangue que herdara, lhe tocou o assaltar dita villa, com escada á vista.

Em cuja gloriosa acção logrou que a desamparassem os agarenos que a dominavam, deixando seu intrepido furor e disciplina militar, atónitos aos demais Capitães que se achavam presentes.

E por haver sido ésta empreza de tanta consideração para a christandade, mereceu grandes favores do Rei: E nesta ocasião, deixando o apellido de Mariño, tomou o de Moya e augmentou ao escudo de armas, que por sua Casa tinha, a divisa da escada de ouro em campo de sangue.

E estes distinctivos herdaram seus descendentes; e hoje os mantém assim, em memoria do successo que deu nome e esplendor a esta Linhagem.

Comprovam o exposto, em seus Nobilitarios originaes, os seguintes autores:

- Jorge de Montemayor, tomo 15, folha 82;
- D. João de Mendonza, tomo 18, folha 729;
- Doutor Isassi, tomo 19, folha 155 e 223;
- D. Bernardo de Fonseca e Pinto, folhas 429 e 445.
- D. Jose Affonso de Guerra e Villegas, “Minutas”, Caderno 2.º, folha 45; e Caderno 6.º, folha 250.

E em outros muitos autores e manuscriptos consta o mesmo e, em consequencia disse D. João Flores de Ocariz, em seu Nobiliario, tomo I, paragrafo 103, folha 329:

“A villa de Moya está em Castella, nos confins, com o reino de Valência. E’ Marquezado e deu o apellido aos que o tem de Moya. Trazem por armas escudo de duas metades, de alto abaixo: na primeira escada de ouro em campo de sangue; na outra metade seus troncaes, porque a escada a adquiriu com o apellido o primeiro que subiu á escada vista, quando se ganhou aos mouros a villa de Moya, deixando novas armas e sobrenome a seus descendentes.”

Pedro Jeronimo de Aponte, no “Luzeiro da Nobreza de Espanha”, no tomo 2, folha 29, tratando de D. Alvaro de Moya, Ilustre Progenitor da Casa de Albornoz em Castella, diz que:

“foi cavalheiro esforçado e da família dos Mariños; descendente do que ganhou a Moya e que por isto tomou o apellido.”

Os demais autores que tratam da origem da Casa de Albornoz em Castella, fazem memoria deste D. Alvaro, progenitor illustre da Linhagem de Moya; e dizem que se chamou antes Alvaro Mariño, ou das Marinhas. (Que não se deve chamar das Marinhas, se provará depois, ainda que um e outro são apellidos igualmente illustres em Galicia).

Na Historia de Cuenca, escripta por João Paulo Martim Rizo, à folhas 252 faz relação da origem dos Albornozes daquella cidade: e o que refere do D. Alvaro de Moya que casou com D. Maria Garcia, senhora que foi dos Es-

tados de Albornoz, incumbe mais ao cauzador da linhagem de Moya, do que à pessoa de quem se derivam os Albornozes.

As palavras de dito autor são estas:

“Casou D. Maria, com D. Alvaro das Marinhas, que outros chamam
“D. Alvaro de Moya, porque escalou á Moya e a ganhou dos mouros; pelo que lh’a deu em guarda o infante D. Manuel”.

Para dar seu legitimo sentido as palavras de Rizo, se ha de ter presente que, apesar que se chamou D. Alvaro de Moya o que casou com D. Maria Garcia, não foi o que ganhou aos mouros a villa de Moya, e sim é descendente de aquelle, que tambem se chamou do mesmo nome e apellido, a quem antes chamavam Alvaro Mariño, e não das Marinhas.

A gloriosa empreza do que deu nome à Linhagem de Moya, attribuiram ao segundo D. Alvaro de Moya, progenitor da Casa de Albornoz.

E não houve mais motivo para isto, do que persuadir-se que as duas pessoas, que acharam nos escriptos antigos com um mesmo nome e apellido não eram senão uma só pessoa.

E assim, puzeram nelle as memorias de ambos, sem fazer distincção de pessoa.

E è a causa porque duvidaram alguns das noticias da origem da Casa de Albornoz.

Quando se escreva do causador da Casa de Albornoz, nos extenderemos mais sobre este particular.

E por enquanto se estimarão de Rizo e dos autores que o seguiram, aquellas memorias que unicamente fazem ao primeiro D. Alvaro de Moya, a quem antes chamaram Alvaro Mariño, por haver sido em quem teve principio esta Linhagem de Moya, como o comprovam Pedro Jeronimo de Aponte e os demais Nobiliarios que se citaram.

E tudo quanto referem uns e outros, se resume naquella quadra muitas vezes decantada, que diz:

Na conquista de Moya,
Dom Alvaro de Mariño,
Por brazão ganhou a escada
E Moya por apellido.

*

* *

Para comprovação dos escriptos que tratam da origem e boas memorias das familias ha outro meio, que tambem informa dos feitos que deram distincção e renome ás linhagens:

Este è o uso das divisas: por ellas e quanto contém os escudos de armas (se estão feitos segundo as regras da Armeria) se sabem os motivos e as causas que houve para illustrarse aquelles que deixaram a seus successores honra,

e noticia das nobres acções que executaram. Nesta Linhagem de Moya concorda com a relação dos escriptos, o sentido legal das figuras, como se verá quando se descreva o escudo com que se distinguem os desta Casa.

E si alguns o alteraram, augmentando quartéis e variando a seu modo, outros o tem mantido com pureza.

E executado como deve estar, não difere sua intelligencia em nada do que até aqui se disse sobre a origem e circumstancias que occorreram para tomar o primeiro desta linhagem novo apellido e divisas. Por ella se nos dá individual noticia do successo, que lhe deu esplendor a aquelle de quem resultaram os que se illustram com seu apellido e armas.

O porque, e como tem um e outro e de quem se derivam, sem que falte cousa alguma para a constatação do que referem os autores citados.

E' muito conveniente e importante applicar-se a este genero de estudo; o qual, diz Estevão de Garibay no capitulo 1.º do seu Livro 33,

“que é pouco exercitado dos literatos e para a comprehensão e intelligencia das cousas antigas é muito necessario e util; tanto que, por ignorar o que corresponde a esta materia, se cometem na Historia muitos erros e inconsequencias; e até se ha confundido e perdido boas memorias, por não saber dar seu legitimo sentido ás figuras symbolicas que são as que representam aquelles successos que nos provem da antiguedade; explicando em seu idioma e estilo, o que hoje se nos faz presente pelo uso das letras.”

Nestas, com uma leve equivocação acontece alterar-se muitas clausulas que destroem o principal de um assumpto.

E' mais firme, estavel e permanente, a relação dos feitos por figuras pintadas, cuja linguagem praticaram com esmero os gregos e a chamaram *Diagrafia*, que é o mesmo que escriptura viva.

Hoje nos serve esta nos escudos de armas, para provar com elles a certeza do que referem os escriptos, sobre a origem e boas memorias das Linhagens.

E os escriptos tambem são documentos bastante para saber si estão ou não, em sua devida perfeição as figuras de que se compoem os ditos escudos: resultando da harmonia, conformidade e concordancia que devem ter entre si estas cousas, a mais segura e constante prova daquillo mesmo que nos propoem.

* * *

Assentado pois, e recebido por segura opinião, que o tronco da Linhagem de Moya na Espanha, é a mesma que tem a Casa de Mariño, que se fixou em Galicia, diremos que, da distincção, antiguedade e circumstancias desta, escreveram, entre outros muitos autores:

— O Conde D. Pedro, em seu Nobiliario Illustrado, no titulo 7 folha 43; e no titulo 73, folha 380;

— O padre Gandara, em seus Nobiliarios de Galicia, trata tambem dos Mariños, como se póde ver pelo Indice das obras do dito autor.

- O Licenciado Molina, na Descrição do Reino de Galicia, folha 51;
- Alonso Telles de Menezes, no “Luzeiro da Nobreza”, tomo 1.º, folha 170, diz que se encontram memorias desta Casa naquelle reino desde o tempo dos *Suevos*; e dá uns mesmos, aos Mariños, Mariñas e Marinos.

E destes e Marines, Marinos ou Marineos, ha muitas noticias, as quaes se refirirão em particular, porque relativamente informam que é um só o tronco destas Linhagens e todos concordam em que são derivados dos antigos nobres romanos. Nisto não ha duvida, apezar de que alguns chronistas, por não estarem ilustrados como deveriam, têm tratado este assumpto com capricho e inventado cousas que não merecem attenção alguma.

O certo é que todas estas familias têm em Espanha muita antiguedade, e que lograram sempre a maior distincção. Dos Mariños já se deu noticia nos autores citados e é notoria a qualidade que em todas as epochas têm gozado.

Dos Mariños ha muitas memorias do tempo dos romanos e gódos:

O Conde de Mora, na 1.ª parte da Historia de Toledo, a folhas 131 diz que os espanhões enviaram a Marino, Principe esclarecido nos Carpentanos (que fica em terras de Toledo) por embaixador a Alexandre Magno, que se achava em Babilonia e que honrou àquelle Principe; e isto foi 320 anos antes da vinda de Christo.

Conforme ao idioma daquelle tempo, chamam alguns à este embaixador Maurino, do qual trata tambem D. Miguel de Portilla, na 1.ª parte da Historia de Compluto, a folha 29, e Mariana, citando a Paulo Orosio, diz o mesmo na “Historia de Espanha”, parte I, folha 43.

Na Historia citada do Conde de Mora, escreve tambem de Marino, Arcebispo de Toledo, que viveu no tempo de Constantino, o Magno. Padilla, na Historia Ecclesiastica de Espanha, menciona entre os bispos de Valencia à Marino que se achou no Concilio de Gundemaro, em Toledo, ano 610 de Christo.

Entre as “Medalhas dos Imperadores Romanos”, que publicou Francisco Mediobardi, á folha 351 põe a de Mariño, a quem intitularam “Augusto”, os de Licia, ou Mesia; sendo governador do limite de Sarmacia.

Singular foi na Nautica, imperando Nero, Marino, célebre Cosmographo e Idographo, que inventou a Carta de Navegar, de quem faz memoria Rodrigo Zamorano, em seu livro 5 de “Tabuas Chronologicas”, ás folhas 22 e 42.

Alguns escriptores dizem que se chamou Marino o pae de S. Eutiquiano, papa, que governou a Igreja pelos anos de 275. Tambem no “Catalogo dos Pontifices Romanos”, de Onofre Panvinio se acham memorias de alguns papas que assim se chamaram e podiamos dar extensa noticia delles; porem basta saber que houve naquelles tempos pessoas de muito renome, com este apellido.

Dos Marines, que antigamente se propagaram em Espanha, trata Luiz Lopez em sua 1.ª parte dos Tropheus de Zaragoza, á folhas 199 e diz assim:

“Dos Marines, ou Marineos Romanos, ha grandes noticias, e Cornelio Tacito a faz mui grande no Livro 5.º, de um chamado Lucio Marino; e em Sicilia se conserva esta familia, cujo descendente foi aquelle grande escriptor das cousas de Espanha, Lucio Marineo”.

Isto mesmo apoia Barnabé Moreno de Vargas, nos "Discursos da Nobreza de Espanha", no Catalogo dos Apellidos Romanos, à folha 83.

O dr. Cascales, na Historia de Murcia, à folha 354 escreve tambem dos Marines.

E Argote de Molina, na "Nobreza de Andalucia", á folhas 241, faz memoria desta linhagem.

Dos Marineos ou Marinios, nos faz lembrança D. Antonio Augustin, Arcebispo de Tarragona, em "Armas e Linhagens de Espanha". no Dialogo 1.º, n.º 32, folha 7.

D. Luiz de Salazar, no tomo III da Casa de Lara, á folha 367 diz que os Marines e Mariños tem uma mesma divisa por armas; e para provar si procedem ou não de um só tronco estas linhagens, è um dos mais seguros documentos que tenham entre si semelhança as insignias proprias com que se distinguem.

Por ilação de memorias, que se ha referido, achamos que são estas linhagens uma mesma e que sua derivação lhes vem dos Marinos que prevaleceram na antiguidade. Expressamente nos diz Luiz Lopez, no lugar citado, que os Marines e Marineos, se derivam de Lucio Marino: assim o deixamos escripto.

Tambem se disse com a autoridade de Alonso Tellez de Menezes, falando dos Mariños, do reino de Galicia, que estes e os Marinos eram todos uns; e não se duvida que, aos que em Castella e outras partes nomearam Marinos, em Galicia, conforme seu modo de fallar, os chamam Mariños: Isto é constante, como tambem que aos Marines e Mariños, lhes dão uma mesma divisa por armas.

Todo o que nos mostra claramente que os Marineos ou Marinios de Italia; os Marines do reino de Aragon e Valencia; e os Mariños que se estabeleceram em Galicia, são derivados, uns e outros dos Marinos que existiram nestas provincias muito antes do nascimento de Christo, cuja antiguedade é quasi tanta, como a dos escriptos da Historia (ou tempos historicos). Não será fóra do assumpto dizer o que se nota sobre as insignias e divisas com que se distinguem estas casas:

A de Mariño em Galicia, afirmam os chronistas destes reinos que tem em seus escudos de armas por insignias ondas azues em campo de prata; as mesmas assignalam aos Marines; e estas, diz Argote de Molina, a folha 241 que hão de ser como veros.

Os Marineos têm ondas de veros por divisa, como o diz D. Antonio Augustin, em "Armas e Linhagens de Espanha".

Todas são ondas; porem, em sua formação varias e diferentes: Os metaes e as cores com que se adornam são umas mesmas e a diferença está só de umas ondas terem sido feitas mais curvas que outras.

Este pequeno reparo (que se póde attribuir a defeito em sua formação) não obsta para que se deixem de considerar por umas mesmas estas divisas.

As que rigorosamente devam subsistir, poderá o curioso resolver-o, que eu me inclino, conforme com a antiguedade, origem e distincção destas familias, a que são os veros que lhes correspondem; porque, derivando-se dos nobres antigos romanos, como todos dizem, é divisa propria delles a dita insignia, a

qual figuram á maneira de ondas; no que concordam quantos têm escripto deste particular, e basta para que prevaleçam os veros haver conservado com pureza estas insignias alguns daquelles que provam sua origem deste tronco.

Quantas circunstancias concorrem, afiançam o conceito e asseguram a prova de ser “*uma*” a origem destas familias, assim pelo que resulta da semelhança das divisas com que se distinguem, como pela harmonia que entre si tem as palavras que representam estes apellidos, os quaes sómente variam na pronuncia; devido aos idiomas e não por outra razão:

E não achando-se ponto certo da origem destas Linhagens, reportando-se todos os que escreveram dellas a que são derivadas dos antigos nobres romanos.

Entre estes, sómente se conheceram por mais antigos os que se chamaram de Marino; deste tronco é de donde tomaram os demais, de que se fez menção, suas derivações, como o referem os autores, que se citaram antes.

*

* * *

E porque são do mesmo tronco os que em Espanha se distinguem com o apellido de Moya, diremos o que, sobre a antiguedade desta Linhagem (conforme o estado desta monarchia no tempo em que a dominaram os mouros) se ha podido averiguar.

CAPITULO 2.º

Da antiguedade do apellido e linhagem de Moya em Espanha.

Uma das cousas em que mais trabalho tem tido os historiadores, tem sido em ajustar os factos antigos com a data em que occorreram: porque a contagem dos anos na antiguedade era muito diversa da que actualmente nos governa: e quando os mouros dominaram a Espanha, experimentou esta monarchia a sua ruina total. Assim o diz Bleda, em sua Chronica, a folhas 172, columna 2.^a, suas palavras são estas:

“A entrada desta gente em Espanha causou uma extranha e geral
“mudança, não só no espirital, que era o mais essencial, mas tam-
“bem nas cousas temporaes, trocando-se tudo de tal maneira que,
“dentro de poucos anos, já não pareciam as cousas de antes; porque
“muitas povoações, de grandes se fizeram pequenas, e algumas de
“pequenas se fizeram grandes. Outras se destruíram nas continuas
“guerras; outras se fundaram donde não as havia; e outras mudaram
“de uns lugares para outro; e muitas trocaram de nome. E o mes-
“mo aconteceu com os nomes dos rios e muitas outras cousas. O
“mesmo causaram na lingua castelhana, na qual se introduziram mui-
“tos vocabulos arabes, que hoje em dia se usam”.

Com esta infausta turbulencia, como padeceram estas provincias, havendo-se perdido nellas a conta do tempo, é indispensavel indagar, como por bruxaria, o

ano em que poudé haver conseguido o apellido de Moya D. Alvaro Mariño, que foi de quem o herdaram os seus descendentes.

Depende o bom arranjo da Historia, de contar com o tempo os acontecimentos.

Do motivo que deu o nome a esta linhagem, nos ficou noticia; porem, faltou a do ano em que se tomou a villa de Moya em Castella. aos agarenos que a dominavam.

Quizeram alguns que na ultima vez que se apossaram della os catholicos, houvesse sido ganho este apellido; e sem duvida se fundaram em que por aquelles anos prevaleceu naquelles logares um D. Alvaro de Moya, de quem se deriva a Casa de Albornoz em Castella, cavalheiro de muito renome e muito venturoso nas armas.

A este confundem muitos chronistas antigos com o D. Alvaro de Mariño, o primeiro que usou do apellido de Moya em Espanha.

Como não examinaram este particular com justificação, fundados na mesma confusão de nossa hitoria, applicaram ao segundo D. Alvaro de Moya, o que fez o primeiro, que ganhou o apellido e de quem o herdaram os demais. Este erro se podia haver desfeito com a reflexão de que não se achava capaz para a empreza que se lhe attribue, na ultima vez que se tomou a villa de Moya, o dito D. Alvaro segundo, que viveu pelos anos de 1270 e talvez não havia nascido, quando já estava dita villa povoada de christãos e desde então até agora não tem faltado nella, nem Deus permita que de contraria religião seja possuida.

Tampouco foi este D. Alvaro, de quem vimos falando, o primeiro que teve seu apellido em Espanha: pois seculos antes foram conhecidos nestas provincias os desta linhagem, como se verá depois.

Tambem nos diz Aponte, deste D. Alvaro, que foi descendente do que ganhou a Moya.

Portanto, ignorada a data da tomada desta villa, na qual ganhou apellido D. Alvaro Mariño, se haverá de procurar pela antiguedade da linhagem a conquista da villa de Moya, cujo recurso é indispensavel, porque nas chronicas destes reinos não se acha base solida que assegure a data em que foi tomada aos mouros esta villa que deu o apellido, aos que o tem, de Moya.

A falta de noticias que se nota, é quasi geral nas demais povoações de Castella, as quaes foram varias vezes conquistadas aos mouros e tornadas a perder, de cujas emprezas não ficou noticia certa da data, porque a balburdia daquelles tempos não o permitia.

O que se sabe é, sem apartar-nos da Historia, que antes do seculo 1200 esteve esta linhagem estabelecida no principado de Catalunha e que, pelos anos de Christo de 1036,

“era a familia de D. Guillén de Moya, das mais conhecidas e assinaladas, naquella provincia”.

Assim o diz Narciso Filiu de la Peña, no 1.º tomo de seus Annaes, á folha 299.

Que esteve alli esta linhagem fixada e em posseção de bons estados, ninguém o ignora e até se afirma haver sido desta Casa e tomado della o nome. o territorio que ha entre Manresa e Vich, com o nome de Moya. Anos antes dos que cita Peña, temos alli cavalheiros, que guerreavam com os mouros e os nomeia, com seu proprio apellido Frei Estevam Varellas, na Historia que escreveu, em estilo antigo do Conde de Barcelona D. Bernardo, ás folhas 101 e 105.

*
* *
*

Desde a segunda centuria da perda de Espanha, conforme o melhor arranjado computo do tempo, se encontram memorias em Catalunha dos desta linhagem.

Do lugar de onde para alli se mudaram, o diz expressamente o Arcediano de Ronda, D. Lorenzo de Padilla, no seu Nobiliario original, á folha 531. Veja-se o apellido de Moya; suas palavras são estas:

“Vieram á Catalunha das montanhas de Oviedo; os ha em Castella e Aragão, muito nobres; são suas armas verticalmente ao meio: No “1.º, em vermelho, escada de ouro; em 2.º, veros azues e prata”.

Quanto é preciso saber da linhagem de Moya, o declaram as palavras deste chronista; por ellas nos consta que os que se estabeleceram no principado de Catalunha, foram originarios das montanhas de Oviedo, no reino de Leão.

A estas asperezas persuade nossa Historia que se retiraram, quando os sarracenos oprimiram com novo rigor aos christãos, que residiam nas partes de Castella, de onde levaram seu apellido os que já o tinham de Moya.

Tambem informa dito autor, que os Moyas de Aragão, de Castella e Catalunha, são todos uns mesmos e muitos nobres todos; e que se derivam de uma só origem; e que se illustram com as mesmas divisas; portanto, forçozamente, a antiguedade que os abrange é uma mesma.

Grande bem fez D. Lorenzo de Padilla aos desta linhagem no que dela se refere; e sua opinião é digna do conceito com que o elogia D. Jose Pellicer, no livro 1.º que publicou dito autor, das “Antiguedades de Espanha”, á folha 54, impresso em oitavo, em Valencia, em 1669.

Prezaram-se na antiguedade os historiadores de referir em curtas palavras o que poderia ocupar algumas paginas: Imitou nosso Padilla, no que escreveu da linhagem de Moya o estilo antigo:

Reduziu a poucas linhas tudo o que poderia dizer em grosso volume, da antiguedade, nobreza e distincção deste tronco, o qual, como se disse, traz seus principios mais além do que pensaram alguns escriptores modernos (em 1743), que careceram das noticias que se descobriram depois. Pelo estado de nossas chronicas se comprehende que D. Alvaro Mariño ganhou o apellido e a villa de Moya, em Castella, aos mouros que a possuíam, nos principios da segunda centuria da perda de Espanha.

Naquella ocasião estiveram muito decahidos os sarracenos e os castigaram os catholicos nestas provincias; assim o diz o padre Fuente, no 1.º tomo da "Successão Real de Espanha", a folha 59, citando a Zohoras, a Luyprando, a Juliano e seus comentadores.

E em consequencia disto diz Peña em seus Anaes, tomo 1.º, folha 251 que por estes anos o Conde de Urgel D. Armengol, seguiu a parte catholica e que correu em conquistas, pelo reino de Aragon e Valencia, em cujos confins está fundada a villa que deu o apellido aos que o tem de Moya. Estas memorias persuadem com evidencia, haver-se ganho aos mouros por D. Alvaro Mariño a villa de Moya em Castella, por aquelles tempos, nos quaes já se acha o uso deste apellido e antes não se encontram nos apellidos; e depois creceu o numero dos desta estirpe e estiveram fixados em Catalunha de donde sahiram para as demais provincias de Espanha, conforme as iam conquistando aos sarracenos que as possuíam.

Bem se sabe que ha de constar da Chronologia o certo da Historia; e si falta esta circumstancia tudo é duvida e confusão.

Em Castella teve começo no ano de 1383 a chronologia que actualmente se segue.

Antes deste anos, variaram as computações e se careceu de boa base fixa em este assumpto e é o motivo da dificuldade sobre ajustar com o tempo os acontecimentos da antiguedade. Pretendem os escriptores modernos acertar aos anos do nascimento de Christo, as memorias do passado; porem, em muitos casos se tem por duvidoso o computo que formaram: e o motivo de tudo é que, com a entrada dos arabes na Espanha, se padeceu uma ruina geral, como se disse e se comprehende do que nos refere as chronicas destes reinos.

Naquelles seculos mais antigos tiveram principio muitas cousas, que se ofereceu oportunidade tratar depois; e para documental-as não ha mais do que remotos indicios e provas confusas:

As que achamos acerca do tempo em que se conquistou aos mouros a villa de Moya, em Castella, por D. Alvaro Mariño, nos conduz á mais perturbada época que padeceu esta monarquia. Desde aquelles anos — que se consideram ser pelos de 830 do nascimento de Christo, pouco mais ou menos — até o seculo 1200 não ha mais noticias desta linhagem, que as documentadas no conteúdo deste livro.

Depois que os antigos catholicos espanhòes restauraram estas provincias, que por continuados seculos dominaram os mouros de Africa, — á custa da muita sangue que verteram, — povoaram nellas os conquistadores.

E havendo sido delles os nobres progenitores da antiga linhagem de Moya, — os que resultaram daquellas se dilataram pelo reino de Aragão, pelas provincias de Castella e as de Andalucia.

Propagaram-se nesses lugares, mantendo-se nelles com aquella distincção que gozaram seus maiores, de quem herdaram as noticias e boas memorias que referiram e nos põe os autores citados.

E porque o escudo de armas com que se distinguem os desta Casa é

documento preciso e inseparavel da nobreza e distincção que lhes assiste, se fará descripção d'elle, segundo e como o explicaram os reis de armas, que é a quem corresponde este genero de estudos.

CAPITULO III

Do escudo de armas ou divisas proprias do apellido e linhagem de Moya, em Espanha.

São os escudos de armas ou as divisas que tem os nobres, o signal ou memoria que representa sua nobreza, derivada esta das illustres façanhas de seus ascendentes.

Tambem as tem as linhagens e seus individuos para differenciar-se entre si e distinguir-se uns dos outros.

As tomaram os antigos, ou por alusão aos seus nomes, ou por representação aos feitos que os assignalaram, ou por outras causas que expressam os autores que escreveram sobre este assumpto.

E' muito importante aos que se prezam de cavalheiros distinctos saber a significação de suas armas e porque as tem. Este motivo nos move a pôr aqui a descripção do escudo e divisas proprias do apellido e linhagem de Moya, já que de sua origem e antiguidade se disse o que basta para conhecer o seu verdadeiro principio.

Os mesmos autores que escreveram desta nobre linhagem em Castella, dizem das divisas ou armas que lhe coresponde e a demarcam assim:

Escudo partido em pala, da alto abaixo; no 1.º: escada de ouro em campo de sangue; no 2.º: Veros azues e prata. Desta forma o põe Argote de Molina. na Nobleza de Andalucia, a folha 129, verso; D. Lourenço Padilla em seu Nobiliario Original; D. João Flores de Ocariz; e outros muitos. Tambem puzeram outros, no quartel dos veros, ondas de mar, como se póde ver em ' Gil Gonzalez Davila, que descreve o escudo de armas que teve o Snr. D. Pedro de Moya, arcebispo que foi de Mexico e por seu principal apellido de Moya, col- loca em seus correspondentes quartéis as ondas de mar e a divisa da escada.

Alguns agregaram por sua ligações mais quartéis, augmentando divisas e variando como quizeram; porem, o que não tem discussão é que as primitivas armas e divisas proprias desta linhagem são as que se disse e referem os autores citados.

E em sua intelligencia dizem que as bandas de ondas (já sejam de mar, como querem uns, já sejam de veros como querem outros) as têm no escudo de armas desta linhagem, em memoria de ser seus troncaes as taes divisas.

Nisto concordam todos e se comprehende ser assim pela razão do lugar que occupam no dito escudo.

E antes que uzasse do apellido de Moya o primeiro que o teve em Castella dizem que seu sobrenome foi o de Mariño, cuja Casa tem por divisas as bandas ondeadas que aqui achamos por troncaes.

Resultando da harmonia que se encontra em escriptos e divisas, o credito que se deve dar ás divisas e aos escriptos que tratam deste assumpto.

Achada a razão que assiste aos da linhagem de Moya para manter as ondas veradas em seu escudo de armas, que é por derivar-se daquella Casa á quem correspondem as taes insignias por armas ou signaes de sua nobreza:

Resta-nos saber o porque são ondas de veros e não é outra insignia diferente.

Já se disse antes de agora, como a origem da troncal desta Casa de Moya em Espanha, vinha derivada dos antigos nobres romanos.

Que estes observaram nisto a melhor politica, ninguem duvida, nem tampouco se ignora a distincção que tiveram as familias naquella republica.

Para saber a que alcançaram os fundadores desta Casa que contraem daquelles suas memorias, se ha de buscar a difinição das ondas de vero; e segundo a que nos dá Barnabé Moreno de Vargas, em seus "Discursos da Nobreza de Espanha", ao 17, (capitulo?) numero 19, achamos que os veros são uma insignia romana a modo de ondas; e que os tinham tecidos nas vestimentas os governadores de provincia e que por elles se chamaram veros e que os traziam em signal de administrar justiça com fortaleza e verdade. Aquí é donde se percebe o porque têm estas familias veros por divisa e não outra cousa. Agiram sem difficuldade, com integridade e pureza os progenitores deste tronco e por essa razão usaram da insignia que lhes era correspondente e como signal de nobreza passou de uns a outros por herança, até chegar a nossos tempos, nos quaes dizemos que, quem tem por armas taes signaes, prova com este documento a antiguedade e nobreza de sua Casa e linhagem e de donde se deriva.

E' isto o que significam os veros no escudo de armas desta linhagem de Moya.

A escada de ouro em campo de sangue, que ocupa o primeiro lugar, que é a parte direita do escudo, lembra a acção que emprehendeu o que ganhou o apellido de Moya. E aonde se conseguiu a empresa que lhe deu nome, o diz o mesmo apellido.

Sempre foi costume usada nos que tomaram divisas, valer-se daquellas insignias e cousas que melhor representassem os feitos e façanhas heroicas com que se illustraram e deram honra á suas linhagens.

O que ganhou em conquista o apellido de Moya, o alcançou por assalto a villa deste nome em Castella.

E sendo a escada o instrumento que lhe facilitou sua empresa, não podia com outra representar melhor o successo que o acreditou de nobre e honrado.

E assim, ficando esta insignia, signal ou divisa, em seu escudo de armas, deixou á posteridade memoria do seu victorioso empenho, o que explica, no idioma heraldico, a escada no escudo desta linhagem.

Os metaes e as cores tambem têm sua significação.

O ouro representa nos escudos de armas, o poder, a constancia, a sabedoria, o esplendor e nobreza que tiveram os heróes insignes das linhagens.

A prata que corresponde ao braço, representa nos individuos das familias limpeza de sangue, innocencia, integridade, eloquencia, riqueza, exito.

O vermelho significa atrevimento, altivez, iniciativa, fortaleza e vencer com sangue.

O azul representa zelo, justiça, formosura, caridade e lealdade.

Até aqui nos basta o exposto, por não conter o escudo de armas, que se descreveu, mais do que ouro, prata, vermelho e azul.

E porque lhe põe celada terçada á direita, perfilada de ouro, com espaços na viseria, lambrequins, rode e gisas; se ha de interpretar que neste escudo se colocou por "*timbre*"; e que são nobres fidalgos os que a levam; que não participam de bastardia; e tambem representa os generosos pensamentos que a cabeça projecta e a mão executa: E como é instrumento marcial, inventado para defesa da cabeça, se poz no lugar superior.

Na orla do dito escudo acompanham outros muitos instrumentos surdos, militares e troféos de guerra; e tudo tem sua representação; cuja exacta interpretação corresponde aos reis de armas, porque os que não estudaram em livros que tratam disto, não podem estar ilustrados, mais do que com uma generalidade, como a que se disse sobre a descripção deste escudo:

O que estará mais exactamente executado é aquelle que nos mostre e expresse com suas figuras, metaes e cores o mesmo que referem os escriptos, que tratam da origem, honra e distincção desta linhagem:

E os escriptos melhor ordenados sobre este particular, serão aquelles que respectivamente, concordem com o que representam as insignias, as cores e os metaes, que adornam e compõem o dito escudo.

Sendo estes dois meios, de escriptos e figuras (entre si) fiscaes que um ao outro se censuram e corrigem do que poude havel-o alterado o transcurso do tempo, que tudo o perturba e altera. E mantendo-se em boa harmonia e conformidade a relação do escripto e o pintado, se verão, com pureza, os heroicos feitos daquelles que ganharam honra para si e seus descendentes.

Tambem se saberá a origem das linhagens e de quem se derivam, com outras muitas cousas que a advertencia historica previnem, para que não se ocultassem, nem perdessem as boas memorias, que deram esplendor ás extirpes.

E si é o caso, como regularmente succede nestes assumptos, que se nota algum equívoco ou errada intelligencia, se procura pelos meios propostos acertar com a verdade.

E si está no escripto o reparo se emmenda e si é no pintado se ajusta a seu verdadeiro e legitimo sentido, sem que nunca possa ser mais que um o conceito expresso pelos dois estilos. Que de um e outro se serviram os antigos para fazer presente a seus sucessores os bons pensamentos, heroicas façanhas e virtudes excellentes com que se illustraram.

E se ha de ter bem presente que as figuras pintadas foram os primeiros caracteres que serviram aos homens para seu governo racional e historico.

No começo deste escripto se disse que uns autores tinham por tronco desta linhagem de Moya aos Mariños do reino de Galicia e outros o das Mariñas:

E para assegurar-nos da opinião mais certa, se recorre ao desengano que está nas divisas, que ha como troncaes, no escudo de armas desta linhagem de Moya.

Ellas nos dizem ser bandas azues, ondeadas em campo de prata e pela concordancia que tem com as divisas dos Mariños, mostram por este meio não ser outro o tronco e os que entenderam que era o das Mariñas, não fizeram esta prova, pela qual se conhece haver sido erro de cópia, o pôr Mariñas, onde devia dizer Mariños. Em esta forma se faz o cotejo e exame dos reparos que introduziu nestas materias a ignorancia ou o descuido.

E porque a nobreza e distincção que logram as linhagens a adquirem as pessoas illustres que delles resultarão, se fará memoria daquelles varões assinalados deste tronco e apellido de Moya, que nestas provincias occuparam o lugar e gráu em que os collocou seu merito; dando principio com os que propõe a Historia mais antigos; e continuando successivamente com os que floresceram depois, graduando-os segundo a serie dos tempos para que, conforme com a Chronologia, se tenham presentes suas memorias.

* * *

Em continuacão deste discurso se dá noticia de alguns nobres varões e heróes insignes, que resultaram do illustre tronco e linhagem de Moya em Espanha; e se previne que, desde que teve principio esta Casa em D. Alvaro Mariño, que viveu pelos anos de Christo de 830, pouco mais ou menos, até o seculo de 1200 não ha relação successiva dos cavalleiros que se propagaram destas linhas e o motivo é o pouco que se escreveu naquelles tempos e o muito que atormentaram os mouros estas provincias; nas quaes, depois de restauradas pelos catholicos, mantiveram-se os successores daquelles, até o dia de hoje, no estado e gozo de fidalgos de sangue notorios, como se verá nos paragrafos seguintes.

REFLEXÃO

Para serem grandes as linhagens lhes ha de assistir uma larga e continuada serie de idades; e si são antigos ha de faltar-lhes muita parte das boas memorias que os ilustram e até tambem succede que, com o transcurso do tempo, se perdem inteiramente as noticias da origem das familias; isto é, quando os individuos dellas se esquecem daquelle estudo necessario que corresponde a esta parte da Historia.

Estimada foi, a nobreza que se funda na antiguidade, de todas as nações civilizadas do mundo; e entre os romanos se achavam diversos livros que conservaram a memoria de suas familias, como o provam Plinio e Aulo Gelio.

Nas Sagradas Escripuras temos as gerações dos antigos patriarchas que expoz Moysés; e S. Lucas e S. Matheus escreveram a prosapia de Christo; e a Igreja nossa mãe costuma pôr nas Obras Canonicas, que se rezam em honra e commemoração dos santos, quem foram seus paes, qual a sua sangue e dignidades.

Depois de aliviada a Espanha daquella lastimosa ruína que padeceu com o

domínio agareno, se occuparam ingenios grandes em referir as façanhas dos varões illustres, que deram glorioso destaque ás suas Casas.

De algumas destas escreveu um livro o conde D. Pedro., Infante de Portugal, filho do rei D. Diniz, que prevaleceu pelos anos de Christo de 1360.

Imitando-o continuaram outros a materia e dos melhoraes chronistas está declarada por conveniente, util e proveitoso este assumpto.

Agradavel é a todos; e muito mais quando se encontram na antiguidade vestigios em quem fundar as derivações das estirpes.

Si se carecem destas e outras noticias que occultam os principios, origem e distincção das linhagens, é difficilissimo investigal-o e assim acontece que muitos pagam o descuido de seus maiores, porque não procuraram conservar suas memorias, — do que ha bastantes escarmentos em nossa Espanha. Um escriptor disse que, sendo todas as cousas antigas muito confusas, o era mais que todas a serie da successão nas linhagens.

A ofuscação que se nota nesta parte é produzida pela multidão de pessoas que concorreram para nos dar o ser: E' tão crescido o numero de causadores, nos graus que mais distam de nós, que com difficuldade se logra saber quem foram todos nossos ascendentes.

E assim vemos que os que tratam destas materias, logo que provam os mais proximos e immediatos progenitores se remetem depois á Historia, porque não é possivel de outro modo dar satisfação a seus empenhos.

Frei Agustin de Salucio, da Ordem de Predicadores, em seu Discurso de Reforma de Estatutos diz que todos temos, até o vigessimo gráu, contando por toda as linhas, um milhão quarenta e oito mil, quinhentos e setenta e seis progenitores. E isto o faz ver por demonstração aritmetica.

A menos graus nos comprehende o ignorar quem foram nossos ascendentes: passando dos avós mais perto é muito regular a falta de escripturas de filiação, a de certidões de baptismo e outros documentos que autorizam a successão continuada de uma familia, em cujos casos se governam os genealogistas para suas provas pelos Solares, pelo computo dos tempos, pela concordancia dos patronimicos, pelos apellidos que conservam e pelas divisas que mantêm nos seus Escudos de Armas; pois nas edades distantes da nossa, não é facil achar outros dados que melhor qualifiquem os principios, origem, estados e ascendentes que tiveram as linhagens.

Com a devida reflexão e acurado estudo me puz a escrever do que se distingue em Espanha com o apellido de Moya: Formei discurso particular que contém 3 capitulos: No 1.º se diz da origem deste apellido e linhagem; no 2.º se trata da antiguedade que tem; e no 3.º se descrevem as divisas proprias com que se distinguem os que resultaram desta casa.

O proposto no citado escripto se prova com autoridades de chronitas fidedignos e é o que convém perpetuar, porque as causas que houve para tomar nome as linhagens, importa o sabel-as e radical-as e são de muita estimação, pois asseguram de sua origem.

E, consequentemente, se logra saber com ellas a antiguedade e de onde vem derivada a distincção e realce que illustram aos que descendem do tronco que se intenta provar.

Estas memorias, com as dos herões insignes que se propagaram, fazem apontada, nobre distinguida, famosa e grande a uma linhagem, sendo necessario um e outro para que logre o mais seguro e abonado credito este assumpto, no qual está previsto em direito que, para qualificar-se uma pessoa, ha de começar nelle as informações e provas, legitimando com instrumento quaes foram seus paes, quaes seus avós, que lugares e distincção lograram; e si consegue proporcionar-se com aquelles que allega por lustrosos ascendentes, merece ser acreditado.

E porque isto é digno de toda atenção, procurará cada um, na parte que lhe toca, cuidar do que lhe convem, estimando o que, com toda claridade, lhe afiança o maior lustre, conveniencia, interesse, honra e estimação:

Porque disto resulta o te-las as familias e seus individuos.

Tendo, como todos sabem, as linhagens os seus seculos, vemos que uns se acham mais opulentos que outros, já seja pela abundancia de distincções que delles resultaram, já pelos destacados cargos que exerceram e meritos que lograram. Como não ha, porem, estabilidade, nem permanencia em nada do que está debaixo da jurisdicção temporal, chega o estado de declinio ao que se viu mais alto e em sua decadencia se vão apagando aquelles esmaltados retoques, que gozaram na ocasião que mais oportuna lhes facilitou a sorte.

As casas mais poderosas; os mais antigos patrimonios; aquelles apellidos mais illustres; a mais segura posse; os cavalheiros de mais renome, as damas mais respeitaveis, tudo declina. E logo que as cousas mudam de aspecto se nota que, o que foi objecto de veneração, passa a ser o mais ridiculo desprezo; e aquelle em quem ninguem repara quando na miseria, livre desta, consegue que lhe tributem atenções, que lhe faltaram, quando por baixo.

Contigencias da natureza humana os accidentes que experimentamos no perecedor e mortal:

Por outra parte, o cutello da morte põe em desordem o que com anciosa fadiga procuraram os homens reduzir a deleitosa harmonia; daqui nasce a variedade de conceitos e opiniões desencontradas que se acham nos varios assumptos que se empreendem.

No presente nos persuadem os escriptos a que dos Marinos, que com o nome proprio prevaleceram na antiguedade, se derivam os Marineos, Marinius, Marines e Mariños.

De um destes ultimos diz a Historia que resultou a linhagem que, com o apellido de Moya é conhecido em Espanha. A causa que houve para isso, se expoz no seu lugar. O tempo em que occorreu o successo, se ajusta com os anos de Christo de 830.

Depois se propagaram e cresceram ramos desta linhagem e era distinguido e assignalado, no principado de Catalunha, pelos anos de 1036.

E no de 1200 (quando já estava Espanha mais livre da sugeição em que a tiveram os arabes) se dá principio em D. Guillén de Moya, segundo do seu nome, á successiva noticia dos cavalheiros nobres em armas, herões insignes nas letras e varões excellentes em virtude, que resultam deste tronco.

E como em outros escriptos consta sua memoria, nos referiremos a elles, pondo em resumo o que oferece copiosa materia para emprego dos que tenham, como eu, afeição a estas familias.

De haver sido por sua origem nobres e illustres, não se duvida, como pouco de que são descendentes daquelles, os que hoje se acham recebidos por continuada posseção de fidalgo de sangue, nas povoações em que residem. Actualmente (1743) gozam de nobreza varias ramas deste tronco em muitas povoações de Andalucia, Murcia, Mancha, Cuenca, Toledo e em outras muitas partes de Castella.

Tambem se conhecem outros deste apellido no povo e, quando sejam do mesmo solar que os que estão declarados, admittidos e reconhecidos por Cavalheiros, se poderá attribuir o atrazo em que se acham ao descuido ou pouca applicação de algum dos seus ascendentes, ou talvez lhes antingiria alguma das desgraças que põe as familias em pobreza.

E tambem são muitos os que têm suas derivações por bastardia. De tudo ha exemplo e é notorio que, assim como ha meios de adquirir, augmentar e conservar a nobreza nas linhagens, os ha para diminuil-a, atrazala e perdel-a.

O conceito mais seguro, porem, com que se chega a possuil-a, é o que nasce da approvação que lhe dão os homens; e esta pende do juizo alheio e se lográ com o merito proprio.

A jurisprudencia diz que goza de nobreza extrinseca o que é reputado por tal no lugar de seu nascimento: de suas qualidades escreveram varios autores e a elles me reporto.

Nosso proposito é unicamente formar um Catalogo daquelles varões illustres deste tronco e linhagem de Moya, não deixando de nomear os que antepuzeram a este outro apellido e, segundo permite o assumpto, recapitulal-os como a Historia os propõe, onde se poderão ver suas nobres prendas, virtudes heroicas e memorias illustres.

Nos seculos passados nos consta que se achava a nação espanhola preocupada com cuidados de muita importancia para a religião e para a patria.

Que foi comprida a convalescença delles, tambem se sabe. E não se ignoram os motivos que occorreram e embaraçaram aos espanhóes o cuidar com attenção aquellas cousas que notamos debilmente fundamentadas, ou não expostas com a melhor certeza e segurança.

A opinião dos modernos escriptores, convencida do estado precario dos tempos antigos, não extranharam a escassez e falta de pormenores que se notam nas memorias dos grandes homens que viveram em outra época, que nada teve de benigna.

A ligação e parentesco que tiveram entre si os varões que se nomeiam neste livro, só se ha de considerar como ramos que foram de um tronco porque não ha documentos que provem outra cousa.

E o motivo de seu estabelecimento nas povoações em que se acham e o porque se mudaram de uns a outros é difficil sabel-o com certeza.

O que consta por notorio é que occuparam o paiz depois que delle sahiram os mouros, que tantos anos o invadiram. Por isso e talvez por descuido dos ascendentes, não ha outras noticias para entrelaçar em outro gráo as pessoas de quem se faz menção.

De alguns ficou tão sómente a noticia de seu nome; de outros sepultou o esquecimento inteiramente a sua lembrança; e mais prendados outros deixaram de suas prendas e virtudes norma que pôde servir de estímulo aos que aspiram o premio. —

O que eu espero de meu trabalho é dispor aos curiosos a que continuem esta obra, accrescentando nella o que não poude conseguir minha applicação; e é muito regular em sua intelligencia. A curta largueza da minha, se mostra na timidez com que procedi em relação a quanto contém este epitome, pois só tem de meu haver recolhido o que em varios autores se acha esparso e me pareceu devia estar reunido para governo dos que, por gosto ou curiosidade, costumam exercitar-se neste genero de estudo.

Nelle têm trabalhado muitos; porém, não todos tem conseguido acertar.

No numero destes me corresponde lugar. com o que me conformo e com que desculpe tua prudencia os muitos reparos que tem contra si este trabalho.

NOTICIA DE ALGUNS VARÕES ILLUSTRES, QUE RESULTARAM DO NOBRE TRONCO E LINHAGEM QUE SE DISTINGUE EM ESPANHHA COM O APELLIDO DE MOYA.

§ I.º D. ALVARO DE MOYA

Foi o primeiro que teve este apellido em Castella, donde o alcançou na conquista da povoação deste nome, que possuíam os mouros e se acha fundada nos limites com o reino de Valencia, perto de Valera a queimada. Ignora-se quando se conseguiu esta empreza, porem, se considera haver sido pelos anos de Christo de 830, pouco mais ou menos.

Chamou-se antes este nobre progenitor Alvaro de Mariño, de cuja Casa conservam as divisas de seu escudo de armas, às quaes agregou a “escada de ouro em campo de sangue”, instrumento que lhe serviu para realizar o assalto, que o fez tão assignalado e distincto.

Teve este Cavalheiro successão e della (pelas oppressões que padeceram os christãos com os mouros, que dominavam a Espanha naquelle tempo), faltaram as memorias successivas. Segundo, porem, diz Padilla em seu Nobiliario Original, mudaram-se ramos deste tronco ao principado de Catalunha:

Alli se propagaram e cresceu esta familia, a qual já era conhecida pelos anos de 1036 de Christo e levava o apellido della D. Guillen de Moya, como o diz Peña, em seus Anaes, tomo 4.º, folha 299.

Depois, pelos anos de 1200, continuando nas conquistas de Espanha os descendentes desta Casa, se estabeleceram nas provincias de Andalucia e Castella.

E os varões illustres que a Historia nos propõe deste tronco, por successão de seculos, são os seguintes:

§ II D. GUILLEN DE MOYA.

Natural de Catalunha, floresceu pelos anos de Christo de 1200. Com a nobreza daquelle principado, acompanhou ao rei D. Pedro II de Aragão, que se achou na celebre batalha das Navas de Tolosa.

Depois de aliviada Espanha do dominio dos mouros, é D. Guillen o primeiro que de seu apellido temos nas provincias de Andalucia.

Deste cavalleiro fazem memoria: — Frei Jayme de Bleda, no Catalogo dos Cavalheiros e Capitães Famosos que pelejaram na restauração de Espanha, no livro IV, folha 394;

— Historia de Catalunha, por Bernardo de Escolt, capitulo V, folha 12;

— Argote de Molina, Nobreza de Andalucia, Livro 1.º, capitulo 39, folha 30;

— Peña, Annaes; e em outras muitas partes fixaram o bom nome deste Cavalleiro, que celebram glorioso as Historias.

§ III. D. DIEGO DE MOYA

Alcaide que governou a cidade de Baeza, no ano de 1230; o diz Ximena, em seus Annaes, à folha 128; Pinto, em seu Nobiliario Original, tomo XXIV, folha 447.

E outros autores concordam, reportando-se todos ao Calendario dos Juizes que houve em Baeza: era um livro de letra antiga, escripto em pergaminho, que continha os fóros de que gozava dita cidade.

Argote de Molina disse que havia faltado a successão de D. Diego de Moya e dos desta linhagem e apellido; e depois escreveu memorias dos varões que viveram no seu tempo, desta Casa; confirmando com isto o mesmo que a Historia nos mostra: e é que continuadamente se propagaram ramos deste nobre tronco, já nas provincias de Andalucia, já no reino de Murcia, já nas de Castellás e outras partes.

§ IV. D. ALVARO DE MOYA.

Viveu nos estados de Villena, pelos anos 1270, contrahiui matrimonio com D. Maria Garcia Alvarez, senhora que foi dos estados de Alborno; e contractou que havia de usar este apellido, como com efeito o chamaram depois Alvaro de Alborno, de quem resultou em Castella esta illustre Casa.

Por não haver tido presente o computo dos tempos, equivocaram alguns a este D. Alvaro, com o primeiro de seu mesmo nome e apellido; porem, deixou vencido este reparo Pedro Jeronimo de Aponte em seu Luzeiro de Nobreza, tomo II, folha 29, titulo da Casa de Alborno; fallando de D. Maria Garcia, diz estas palavras:

“à qual casou o Infante D. Manoel com Alvaro de Moya, cavalleiro
“esforçado e da familia dos Mariños, descendente do que ganhou a
“Moya e porisso tomou o apellido.”

A este autor segue Ocariz, tomo II, folha 65; e outros.

Sem fazer distincção destes dois varões escreveram do causante da Casa de Albornoz:

— João Paulo Martim Rizo, na Historia de Cuenca, folha 252;

— D. João Baños de Velasco; o Cardeal Mendonça; e ficou a relação destes com menos clareza que a de Aponte, que é a que se deve seguir por mais certa e verdadeira.

§ V. D. RODRIGO DE MOYA

Foi um dos caudilhos mais prudentes e esforçados de seu tempo, de quem diz D. Bernardo de Fonseca e Pinto, em seu Original, tomo XXIV, folha 445, que sempre se achou ao lado do rei D. Pedro, o Cruel, até que seu irmão D. Enrique o matou; e por este motivo se passou D. Rodrigo a Aragão, como o fizeram outros muitos cavalleiros de Castella; e desejando o novo rei atrahir a seu serviço a todas aquellas pessoas que se haviam esmerado na defeza de seu irmão, diz o citado autor que a D. Rodrigo lhe fez varias instancias para que voltasse a seu paiz, ofrecendo-lhe muitas honras e mercês, que não quiz aceitar; e se presume que morreu em Aragão, deixando successão em Andalucia.

§ VI. D. MIGUEL DE MOYA

Filho de D. Rodrigo, contrahiu matrimonio com D. Joana de Flores, corresponde sua memoria aos anos de Christo de 1380, conforme o expõe Pinto, no tomo e folha que se disse no numero antecedente.

§ VII. D. JOÃO DE MOYA

Filho de D. Miguel e de D. Joana de Flores, fixou-se em Ubeda. Alli esteve de posse do seu estado de fidalgo de sangue, notorio, no qual foram mantidos em dita cidade, e outras partes, donde legitimaram, seus causantes e successores.

Assim o dizem Pinto, Argote, Ximena, Portillo e outros muitos chronistas.

§ VIII. D. JOÃO AFFONSO DE MOYA

Residiu em Arjona pelos anos de 1444 e foi cavalheiro de muito renome no reino de Jaen.

Argote coloca sua memoria no livro II, folha 301; e Ocariz, no tomo II, folha 328.

§ IX. D. ROBERTO DE MOYA

Natural do bispado de Cuenca, seguiu a carreira das letras; aproveitou nelas e cresceu em virtude. Estando a Corte em Valladolid, capital da Espanha, a abadia daquelle cidade era das dignidades ecclesiasticas mais importantes do reino.

Foi conferida a D. Roberto de Moya, no tempo do rei D. João II, quem apreciou muito este insigne varão, o qual ascendeu à cadeira episcopal de Osma.

Foi prelado justo e como tal põe sua memoria Gil Gonzalez Davila, no Teatro Eclesiastico das Igrejas de Espanha, tomo I, folha 54 e diz estas palavras:

“Foi eleito para a Igreja de Osma D. Roberto de Moya, abade de

“Valladolid, prelado de tão excelente vida que se pôde comparar com

“os melhores que ha tido aquella séde episcopal.

“Foi liberal com os pobres, tanto que mereceu o titulo de pae delles.

“Foi bemfeitor de sua Igreja, augmentou o culto divino: para isso

“deu muitas cousas preciosas de ouro e prata e ornamentos ricos:

“Morreu com Deus, depois de haver governado seu bispado como

“prelado e pae, no ano de 1453; jaz na Capella Maior de sua Igreja

“de Osma. Sendo abade de Valladolid, deu à Ordem de S. Jeronimo

“a Hermida de Nossa Senhora do Prado, hoje insigne Convento

“desta Ordem.”

Fazem memoria de D. Roberto de Moya:

— Alonso Tellez de Menezes, em seus Nobiliarios;

— Colmenares, Historia de Segovia, capitulo 29, folha 343;

— Salazar de Mendoza, Vida do Grande Cardeal, capitulo 33, folha 125;

— D. Francisco de la Puente, Casa de Vera, folha 70;

— Fernan Perez de Guzman, Cronica do rei D. João II, capitulo 217, folhas 176 e 265;

E em outras muitas partes ficou noticia deste justo prelado.

§ X. D. MIGUEL DE MOYA

Natural do bispado de Cuenca, foi Collegial no Collegio Maior de S. Bartholomeu de Salamanca. Refere sua memoria, pelos anos de 1460, D. Francisco Ruiz de Vergara, na Historia do dito Collegio, à folha 120, n.º 123.

§ XI. D. JORGE DE MOYA.

Foi cavalheiro nobre e virtuoso. Esteve casado, na cidade de Jaen, pelos anos de 1500, com D. Teresa de Valenzuela e neste matrimonio se uniram estas duas linhagens, uma e outra illustres pela sangue: De havel-o sido nas provincias de Andalucia o de Moya nol-o diz D. Martin Ximena, nos Annaes de Jaen, parte 4.^a, folha 398; Argote de Molina e outros. Do de Valenzuela escreveu D. Diego Ximenez Patón, na Historia de Jaen.

Alli se propagaram ramos destas familias e mantiveram suas boas memorias, as quaes renovaram com suas prendas e virtudes os varões que se irão nomeando pela ordem chronologica em que viveram.

§ XII. JOÃO BAPTISTA DE MOYA

Da Ordem de S. Agostinho, foi natural da cidade de Jaen. Seus paes foram D. Jorge de Moya e D. Teresa de Valenzuela. De suas raras virtudes, singulares prodigios e admiraveis circumstancias, escreveram varios autores; e, nas Chronicas da Ordem, na 4.^a parte, folha 398, n.^o 2, diz o Padre Mestre Frei Sebastião de Portillo o seguinte:

“Nasceu este santo varão na cidade de Jaen, no ano de 1504; seus
“pae foram limpos de sangue e fidalgos. Seu pae se chamou Jorge
“de Moya e sua mãe Teresa de Valenzuela. Tomou o habito no
“Convento de Nosso Padre Santo Agostinho de Salamanca, à 29 de
“dezembro de 1522 e professou a 30 de dezembro seguinte, sendo
“Prior Santo Tomas de Villanueva e Mestre de Noviços o Santo Frei
“Luiz de Montoya. Desde que tomou o habito foi dando taes mos-
“tras de santidade que era tido, não só por virtuoso, como por San-
“to, porque desde logo se dedicou a Deus, à oração e aos demais exer-
“cicios de virtude. Depois que professou lhe deram estudo de artes e
“theologia, no que aproveitou muitissimo. Dedicou-se depois, ex-
“pontaneamente, ao estudo da Theologia Expositiva e Moral na qual
“excedeu a muitos e igualou aos maiores mestres de seu tempo”.

Prosegue o dito chronista referindo as amaveis prendas do Veneravel Frei João Baptista de Moya e no n.^o 34, diz:

“No ano de 1610 trez religiosos, com pretexto de devoção, como re-
“fere o Mestre Frei João Gonzalez de la Puente, na Historia da Pro-
“vincia de Mechoacan. abriram seu santo sepulchro e acharam o cor-
“po cheiroso e incorrupto, como antes e o habito da mesma sorte, sem
“rastros de corrupção. Trata-se de sua canonização e está já o cor-
“po na sacristia do Convento de Santo Agostinho de Guayangareo,
“colocado por ordem de autoridade secular”.

E finaliza este escriptor, no n.^o 35, dizendo:

“Escreveram a vida do Beato Moya: — o santo varão D. João de
“Medina del Rincón, bispo de Mechoacan; O Padre Frei Antonio de
“S. Roman, na sua “Mesa Franca”; O Mestre Grijalva; O Santo
“varão D. Frei Agostinho de Coruña, bispo de Popayan; O bispo
“Signino o põe no “Catalogo dos Beatos”; P.e Frei João de Marieta,
“Obras, tomo III, folha 68; D. Martín Ximena, Annaes de Jaen,
“folha 489.”

§ XIII. D. ACISCLO MOYA DE CONTRERAS.

Foi um dos varões mais assignalados e distinctos que teve sua Casa. As memorias deste nobre varão constam na Historia do Collegio Maior de S. Bartolomeu de Salamanca, por D. Francisco Ruiz de Vergara, o qual diz deste prelado, à folha 210, n.^o 296, o seguinte:

“D. Acisclo Moya de Contreras, bacharel em direito natural de Pedroches, do bispado de Cordova, foi eleito em 22 de Julho de 1537. Sahiu como Inquizidor de Aragão, onde esteve 12 anos; assistiu às Cortes daquelle reino duas vezes. Depois, no ano de 1554, sua magestade lhe fez mercê do bispado de Vique, em Aragão. No ano de 1561, quando o papa Pio IV congregou de novo o Concilio de Trento, foi lá; durante sua permanencia foi nomeado, em 1563, Arcebispo de Valencia, que vagou por morte do arcebispo D. Francisco de Navarra. Voltou á Espanha em 1564, concluido o Concilio. Visitou o Monasterio de Nossa Senhora de Monserrate, onde o acometeu a morte e ficou sepultado. Tem alli um illustre epitafo. Morreu a 3 de Maio de 1566, antes de tomar posse de seu arcebisado.”

O dr. João Baptista Ballester, na Historia do Santo Christo de S. Salvador de Valencia, no Catalogo dos Bispos e Arcebispos daquelle cidade, no n.º 75, folha 571 diz que dois dias antes da morte deste prelado tomou por elle posse do arcebisado seu sobrinho D. Pedro Moya de Contreras.

Fazem memoria deste insigne varão:

- Lanuza, Anaes, 2.^a parte, folha 79;
- Argote de Molina, 2.^o livro, capitulo 135;
- Escolano, Historia de Valencia, tomo II, livro 10, capitulo 37; e
- Vida do Beato Fernando de Contreras, folha 6.

E em outros muitos logares consta o mesmo que aqui se referiu.

§ XIV. O CAPITÃO JOÃO DE MOYA.

Successor dos que se propagaram em Andalucia, estabelleceu-se em Ugicar de Albacete, cabeça das Alpujarras. E quando se levantaram os mouros a ultima vez, no tempo de Felipe II, foi comprehendido nos estragos que padeceram os christãos naquellas montanhas, pela tirania e rigor dos infieis.

No dia 28 de dezembro de 1568, lhe deram os moriscos morte lastimosa, como a padeceram outros muitos daquelle povoação.

Captivaram a seus filhos e a sua irmã D. Beatriz e perderam todos os seus bens e se extraviaram as boas memorias que havia de seus ascendentes, que alli estiveram fixados.

De todo o referido nos informa D. João Flores de Ocariz, no seu Nobiliario, tomo I, paragrapho 89, folha 323. E este mesmo autor diz de outras memorias desta linhagem, da qual resultou frei João de Moya, da Ordem dos Carmelitas descalços, a quem nomearam na sua Ordem frei Elias de S. João; e era muito creança quando padeceram em Ugicar seus maiores, os damnos que se referiram.

§ XV. ALVARO DE MOYA.

Successor dos que, com seu mesmo nome e apellido, foram conhecidos nas provincias de Espanha.

Morou este no reino de Murcia, na villa de Caravaca. Viveu pelos anos de

1569; foi fidalgo de sangue, notorio, em cujo gozo e posseção estiveram seus ascendentes, assim em dita villa, como nas demais povoações em que residiram. Achou-se este cavalheiro nas guerras que houve na expulsão dos mouros do reino de Granada.

Destas conquistas fazem menção:

— Luiz Perez de Hita, 2.^a parte, folha 113;

— Morote, Historia de Lorca, folha 382;

E dizem que levou o Estandarte do Marquez de Fajardo, um fidalgo de Caravaca chamado Alvaro de Moya, por estar indisposto seu alferes D. Rodrigo de Benavides.

§ XVI. CRISTOVÃO RODRIGUES DE MOYA.

Esteve radicado em Segura de la Sierra: Alli gozava de bastantes riquezas, destinando muita parte dellas na fundação do Collegio da Companhia de Jesus, que ha em dita villa.

Deste Collegio e circumstancias de seu fundador nos diz o Padre Bartolomeu Alcazar, na Chronohistoria da Provincia de Toledo, 2.^a parte, folha 229.

Tambem D. João Flores de Ocariz, nos seus Nobiliarios, lembra a memoria deste cavalheiro, o qual viveu pelos anos de 1570, quando estava empenhada em suas fundações Santa Teresa de Jesus, com quem trocava idéas e se correspondiam por cartas, mostrando nellas a pureza de suas virtudes e justos empregos, estes dois corações piedosos.

§ XVII. O BACHAREL JOÃO PEREZ DE MOYA

Natural de Santisteban del Puerto, foi um dos que déram a sua Casa novas glorias, pelo nobre, claro e lucido de seu engenho.

D. Martin Ximena o elogia em seus Annaes, à folha 451; tratando das cousas particulares e dignas de memoria de Santisteban del Puerto, diz estas palavras:

“Desta antiga villa foi natural o grande filosofo e principe dos mathematicos, cujos escritos são tão estimados e uteis à nação.”

Dos assumptos que tratou, com noticia de todas suas obras, nos dá razão Nicolas Antonio, na “Biblioteca Hispana”, tomo I, folha 580.

Em outras muitas partes ha memoria deste varão literato, distincto por si mesmo e por sua ascendencia, da qual nos diz na dedicatória de suas obras astronomicas, que os lugares em que exerceram sua actividade seu pae e avós, foi no manejo das armas: carreira por onde os ascendentes desta linhagem se illustraram e deixaram à posteridade as boas noticias que constam deste tronco.

§ XVIII. D. FRANCISCO DE MOYA.

Thesoureiro da Santa Cruzada, nos bispados de Cartagena e Orihuela, pelos anos de 1586.

§ XIX. D. PEDRO DE MOYA E CONTRERAS.

Arcebispo que foi de Mexico: collocou-o no grão de varão prudente e sabio, Gil Gonzalez Dávila, no tomo I do Teatro Eclesiastico das Igrejas de Indias, à folha 35. Este escritor diz que nasceu em Cordova D. Pedro de Moya e que estudou em Salamanca; que alli se graduou licenciado em Canones; foi Mestre Escola da Santa Igreja de Canarias; e inquizidor em Murcia; e o primeiro que instalou a inquirição em Mexico, onde foi Arcebispo, Presidente da Real Audiencia e Vice-rei. Voltou a Madrid e foi nomeado Presidente do Conselho de Indias, em cujo cargo morreu, em Dezembro de 1591. Outras muitas memorias põe dito autor deste prelado, e se poderão ver no lugar citado.

E Argote de Molina, no seu 2.^o livro, folha 135 diz que, por este illustre varão respandece no Novo Mundo o engenho, grandeza, valor e letras de Andalucia. Foi sobrinho de D. Acisclo de Moya, de quem já se fez menção.

§ XX. FREI ATANASIO DE MOYA.

Religioso da Ordem de Predicadores, foi varão excellente em virtude; e parente muito proximo de Santo Thomas de Villanueva e imitador de sua bondade.

Morreu deixando conhecidos créditos de santidade, no Convento de S. Jacinto de Mexico, pelos anos de 1601.

Assim consta na Historia da Provincia do Santo Rosario de Filipinas, Japão e China, escrita pelo Illustrissimo Sr. D. Diego Aduarte, bispo de Nova Segovia, tomo I, livro 2; capitulo 16, folha 484, obra augmentada por Gonzalez.

§ XXI. O PADRE MATHEUS DE MOYA.

Da Companhia de Jesus, foi celebre engenho, literato e pio. Relembra sua memoria o Padre Casani, no tomo 8.^o de Varões Illustres, folha 151.

§ XXII. D. PEDRO DE MOYA.

Filho de D. Pedro de Moya e de D. Maria Jamilena nasceu em Alcalá la Real. Refere sua memoria Gil Gonzalez Dávila, no Teatro Eclesiastico das Igrejas de Espanha, tomo III, folha 453; suas palavras são estas:

“D. Pedro de Moya, sexto de nome, foi natural de Alcalá la Real e

“seus paes Pedro de Moya e Maria Familena.

“Foi Collegial no Collegio de Granada e em sua escola cathedratico.

“Provisor do bispado de Malaga, Vigario Geral do Arcebispado de

“Saragoza; Thesoureiro e Conego da Santa Igreja de Malaga; Ca-

“pellão de Honra e Juiz de sua Capella Real; Abade de Alcalá la

“Real, lugar de seu nascimento; illustrou essa Igreja com edificios

“santos e pôz musica nella, que não a tinha; fundou 6 capellarias, com

“obrigação que residam no côro.

“Foi bispo de Tuy e consagrou-o o bispo de Ventimiglia, no Convento dos Clerigos Menores de Madrid e assistiram os bispos de Syria e Malaca.

“Morreu em 4 de Outubro de 1631 e se depositou seu corpo no Convento onde foi consagrado e foi transportado a Alcalá la Real, onde jáz no Convento de Nossa Senhora do Rosario, numa Capella que edificaram seus paes.”

A ascendencia deste prelado se refere que era dos Moyas de Arjona, pela distincção que lhe dá o Dr. D. Pedro Suarez, na Historia Ecclesiastica de Guadix, à folha 193 pois o nomeia “D. Pedro de Moya y Arjona” e diz que morreu em Madrid, eleito bispo de Malaga, citando a Tamayo, in Mart. tomo 6 folha 327.

§ XXIII. O MUI REV. P.e MESTRE FREI LUIZ DE MOYA

Religioso da Ordem de Trinatarios Calçados, foi varão eminente, insigne em letras e um dos mais qualificados prelados que celebra sua Ordem.

Entre os mais condecorados se acha seu retrato na portaria do Convento Grande da Santissima Trindade de Madrid. E' pintura de mão superior e ao pé della tem, para eterna memoria, esta inscripção:

“R. P. Mr. Frei Luiz de Moya, Visitador de Provincia, Vigario Provincial, filho e ministro do Convento de Talavera, e natural de dita villa. Varão doctissimo na Theologia Moral e Escolastica e o mais aplaudido pela subtileza de seus discursos naquelle seculo. Seus escriptos, em nome de outro, correm com singularissimos créditos. “Morreu o ultimo dia de agosto de 1659”.

§ XXIV. PEDRO DE MOYA.

Natural da cidade de Granada, militou debaixo das bandeiras do Grande Monarca de Espanha, o Senhor Felipe IV; passou a Flandes e a Inglaterra.

Aplicou-se à nobre arte da pintura, na qual aproveitou de modo que se fez excelente; e como tal o numera D. Antonio Palomino e Velasco, na Vidas de Pintores Espanhóes, tomo III, folha 358.

Morreu na sua terra natal, com 56 anos de idade, em 1666.

§ XXV. D. JOÃO GALLEGO DE MOYA.

Acreditou o celebre do seu engenho na Relação que escreveu da Embaixada, que deu em Roma a Clemente X, o Duque de Segorbe e Cardona.

Viveu pelos anos de 1670.

§ XXVI. FREI PEDRO LOPEZ DE MOYA.

Da Ordem Descalça de Nosso Padre São Francisco, natural da villa de Sisanthe, na Mancha, bispado de Cuenca. Consta sua memoria na Historia de Nossa Se-

nhora das Hortas da Cidade de Lorca, à folha 503; está collocado entre os va-
rões illustres em virtude, que têm tido aquelle convento.

Morreu em Velez Rubio, de 48 anos de idade, em 1722.

§ XXVII. D. NICOLÁS DE MOYA.

Foi morador da cidade de Lorca e jurado na sua municipalidade, em 1740.

§ XXVIII. D. NICOLÁS e D. ANTONIO DE MOYA.

Irmãos; natural o primeiro da villa de Torija e o segundo da de Cifuentes.

Provaram sua filiação de fidalgos de sangue notorios, perante a Real Chan-
cellaria de Valladolid, em 1742; e ganharam despachos para que se lhes continuas-
se na posse de nobreza, que provaram haver gozado seus paes e avós.

E em 21 de setembro do dito ano apresentaram o despacho ante a Justiça, Re-
gidor, Conselho e moradores da villa de Villar de Olmo, na provincia de Guada-
jara; e, em virtude delle, os receberam, deram posse e inscreveram nos Livros Ca-
pitulares de Accordãos e Repartimentos de dita villa, com a nota de fidalgo, por
mandal-o assim o Tribunal de Valladolid.

O D. Nicolás, irmão maior dos dois nomeados, passou à cidade de Cadiz
em onde teve a seu cargo a Thesouraria da Cruzada daquelle bispado e alli se fi-
xou e deixou successão.

O D. Antonio se estabeleceu em Madrid e em dita villa apresentou os seus
papeis de fidalguia de sangue, pelo Escrivão de provincia Paulo Ruiz de Ceballos
e, em 27 de abril de 1744 se deu auto, amparando ao dito D. Antonio no seu
estado nobre, como constará nos livros do citado escrivão, no mez e ano citados.

Tiveram estes dois irmãos successão dilatada e em beneficio della se põe
aqui esta memoria.

§ XXIX. D. MANOEL CHACÓN E MOYA.

Como Corregidor governou a cidade de Albarracin, em 1743.

§ XXX. D. MANOEL DE MOYA.

Natural de Esquibias, no reino de Toledo, foi nobre por sangue e distincto
pelos cargos que exerceu na carreira militar.

Ascendeu ao posto de Brigadeiro dos Reaes Exercitos e foi Ajudante-Maior
da Primeira Companhia de Guarda Corpos.

Serviu à Majestade de D. Felipe V, 31 anos com geral aceitação. Morreu
com 67 annos na villa de Gap, no reino de França, em 4 de outubro de 1743.

* * *

Pelo metodo antecedente, em ordem chronologica, se podem proseguir as

memorias daquelles varões que a deixaram de si e foram ramos deste nobre tronco e linhagem de Moya.

E, si não agradar esta orientação, poderão seguir os amadores do assumpto a que escreveu mais certa D. Alonso de Moya, presbitero, beneficiado e natural que foi da cidade de Jaen.

Este escreveu quanto chegou a seu conhecimento das boas memorias de sua linhagem e tratou em particular de algumas linhas, entre as quaes põe a de Lucas Gonzalez de Moya, cujo conteúdo é nesta forma:

LINHA SUCCESSIVA DE LUCAS GONZALEZ DE MOYA.

Lucas Gonzalez de Moya, dos conquistadores de Arjona, em Andalucia, casou em dita villa com D. Francisca de la Barrera e deste matrimonio resultaram João de Moya e Leonor sua irmã.

Esta casou em Jaen com João de Viedma Sotomayor, um dos duzentos cavalheiros conquistadores de Guadix; tiveram filhos que o foram Luiz Mendes de Sotomayor e Moya, conego em dita cidade e Ruy Paes de Sotomayor e Moya, beneficiado da parouquia de S. Miguel, na mesma cidade.

Com os bens destes se fundou o Convento de Monjas da Conceição de Guadix. Veja-se a Suarez, na Historia Eclesiastica de Guadix, folha 231.

João de Moya, filho de Lucas Gonzalez de Moya e de D. Francisca de la Barrera, foi Alcaide do Castello da Cidade de Loja; casou em Arjona com Guiomar Fernandez Talero e resultou deste matrimonio Francisco de Moya Talero, que casou em Jaen com D. Teresa Ruiz de Aranda, tiveram filhos que o foram Fernão Perez de Moya e João de Moya.

Fernão Perez de Moya, filho de D. Francisco de Moya Talero e de D. Teresa Ruiz de Aranda, casou em Jaen com D. Catarina de Montoro e deste matrimonio resultaram:

1. O capitão D. Francisco de Moya
2. D Pedro
3. D. Jeronimo
4. D. João
5. D. Antonio
6. D. Fernando
7. D. Maria
8. D. Gaspar
9. D. Teresa
10. D. Catarina.

* * *

1. O capitão D. Francisco de Moya, n.º 1.º. filho de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, casou duas vezes: a primeira em Jaen, com

D. Francisca de Aguilar e a segunda em Guadix com D. Ana de Palencia; do primeiro matrimonio resultaram:

D. Fernando de Moya
D. Gaspar „ „
D. Francisco „ „
D. João „ „

D. Fernando de Moya, filho do captião D. Francisco de Moya e de D. Francisca de Aguilar, casou no lugar de Pedro Martinez, jurisdição de Guadix, com D. Maria Pretel e tiveram deste matrimonio dois filhos que foram:

D. Francisco de Moya
D. Fernando „ „

D. Francisco de Moya, filho de D. Fernando de Moya e de D. Maria Pretel, casou em Guadix com D. Micaela Bravo e Madrigal. Deste matrimonio resultou Francisco de Moya, que se casou em Huelma com D. Maria de Ortega e Salido. Tiveram 3 filhos

D. Francisco de Moya
D. José „ „
D. João „ „

Estse dois ultimos foram religiosos da Ordem de S. Domingos. D. Francisco de Moya, filho de D. Francisco de Moya e de D. Maria de Ortega e Salido, teve Regimento perpetuo na cidade de Guadix, onde casou com D. Mariana de Quesada e Castilla e deste matrimonio resultaram:

D. Pedro Lope de Moya
D. Francisco José de Moya
D. João „ „ „
D. Nicolàs Torquato de Moya
D. Joana Torquata „ „

Do segundo matrimonio que realizou o Capitão D. Francisco de Moya, n.º 1.º, em Guadix, com D. Ana de Palencia, resultaram:

D. Jeronimo de Moya
D. Francisco „ „
D. Diogo „ „

D. Jeronimo de Moya casou com sua prima-irmã D. Maria de Moya e tiveram 4 filhos.

D. Francisco de Moya casou com D. Paula Barrero e tiveram 3 filhos.

D. Diogo de Moya casou com D. Maria Narvaez e tiveram 2 filhos.

* * *

2. D. Pedro de Moya, n.º 2.º, filho segundo de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, não deixou successão.

3. D. Jeronimo de Moya, n.º 3.º, filho de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, casou duas vezes: a 1.ª com D. Isabel Cañete e tiveram a Hernando de Moya e a D. Catarina de Moya.

Hernando de Moya, filho de D. Jeronimo de Moya, n.º 3.º, e de D. Isabel

Cañete, casou com D. Isabel de Olivares; não teve successão della, porem, casou 2.^a vez com D. Maria Pulido e resultaram 5 filhos.

D. Catarina de Moya, irmã de Hernando de Moya e ambos filhos de D. Jeronimo de Moya e de Isabel Cañete, casou com D. Diego de Cozar e tiveram D. Joana de Moya.

Do 2.^o matrimonio realizado em Jaen, D. Jeronimo de Moya, n.^o 3.^o, com D. Maria Delgado, resultaram 2 filhos.

* * *

4. D. João de Moya, n.^o 4.^o, filho de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, casou 3 vezes: a 1.^a em Jaen, com D. Maria de Valenzuela; e deste matrimonio resultou D. Francisco de Moya, que foi eclesiastico, e D. Catarina de Moya.

Casou 2.^a vez com D. Maria Garcia Caniclares e deste matrimonio resultaram João de Moya, que casou em Jaen com D. Isabel de Ortega e resultou deste matrimonio D. Gaspar de Moya Ortega, que casou em Guadix com D. Catarina de Torres e foram filhos destes João de Moya Sotomayor e Luiz de Moya, seu irmão, que litigaram sua nobreza de sangue, da qua! tomarm posse por sentença, nos principios do seculo de 1600.

Casou 3.^a vez o dito João de Moya, n.^o 4.^o, com D. Polonia Martinez e deste matrimonio resultou D. Maria de Moya, que casou com D. André Rodriguez Cozar.

* * *

5. D. Antonio de Moya, n.^o 5.^o, filho de Fernão Perez Moya e de D. Catarina de Montoro, casou em Jaen, com D. Ana Delgado. Deste matrimonio resultaram Hernando de Moya, Sebastião e Antonio.

Hernando de Moya, jurado que foi em Jaen, casou em dita cidade com D. Gregoria Cobo.

* * *

6. D. Hernando de Moya, n.^o 6.^o, filho de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, casou com D. Beatriz del Salto e tiveram deste matrimonio 5 filhos e só ficou D. Ana de Moya Narvaez.

* * *

7. D. Maria de Moya, n.^o 7.^o, filha de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, morreu sem successão.

* * *

8. D. Gaspar de Moya, n.^o 8.^o, filho de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, foi da Companhia de Jesus.

* * *

9. D. Teresa de Moya, n.º 9.º, filha de Fernão Perez de Moya e de D. Catarina de Montoro, casou com D. João de Verrio e deste matrimonio ficaram dois filhos.

* * *

10. D. Catarina de Moya, n.º 10.º, filha dos ditos Fernão Perez de Moya e de D. Catarina Montoro, casou com seu primo segundo D. Alonso del Salto e Moya e deste matrimonio resultaram trezes filhos, os quaes se propagaram e dilataram por varias povoações, assim de Andalucia e Castella, como no reino de Indias e outras partes.

* * *

Tambem ficou successão de D. João de Moya, segundo neto de Lucas Gonzalez de Moya, filho que foi de Francisco de Moya Talero e de D. Teresa Ruiz de Aranda.

Casou o dito João de Moya duas vezes: a 1.^a com D. Ana de Ortega; e deste matrimonio resultaram D. Teresa de Moya e D. Ana. A primeira contrahiu matrimonio com Jorge de Aguilar; e a D. Ana com João Gutierrez de Pancorbo, e continuou a successão destas linhas.

Casou 2.^a vez o dito D. João de Moya, com D. Catarina de Mata Moros e deste matrimonio resultaram D. Gaspar de Moya e D. João de Moya, que morreram nas guerras de Flandres.

O D. Gaspar esteve casado com D. Catarina de Torres e resultaram deste matrimonio D. João de Moya, D. Luis, D. Maria, D. Cecilia e D. Inés, todos irmãos.

* * *

Sendo tão copioso o numero de progenitores duma linhagem, é quasi impossivel ter presente as memorias de todos e principalmente quando o descuido natural de alguns prejudicou o direito de outros que, desejosos de saber, encontram as cousas como informa a carta que segue:

* * *

Cópia da carta resposta, escrita na cidade de Jaén, em 2 de dezembro de 1668 pelo Licenciado D. Thomás de Moya e Cobo a seu parente D. Diego de Moya Aranda, na que, perguntado, informa o que sabe dos Moyas de Jaen:

“Parente e mui Senhor meu:

“Recebi a carta de Vossa mercê com toda estimação:

“E ao que me pergunta nella sobre a antiguedade e memorias illustres de nossa linhagem nesta cidade não o posso satisfazer, por ignorar os motivos que obrigaram a nossos ascendentes para esta-belecer-se aqui:

“O que por notorio se sabe é que, desde tempo immemorial se acham linhas do nosso apellido que em continuada posseção de nobreza tem estado, recebidos tanto nesta cidade, como nas demais de Andalucia.

“E isto persuade, com os fragmentos da Historia, que povoaram immediatamente depois que foram expulsos os agaremos destes reinos, nos quaes se dilataram e propagaram copiosamente nossos progenitores, resultando do crescido numero delles a confusão que se experimenta em muitas linhas, que hoje conhecemos com este apellido de Moya, no *Campillejo de San Anotnio*.

“Os ha de dois generos:

“Uns junto ao *Postigo*, que chamam de *Carniceria*, são muito conhecidos; e estes dizem descender de Arjona.

“Outros ha tambem no mesmo *Campillejo*, — são muito antigos e mui honrados.

“Outros na *Cuesta*, familia antiga e muito limpa de sangue infiel.

“Outros no “*Arrabal*”, na rua Nova, muito antigos e nobres.

“Demandaram faz mais de 170 anos, dois irmãos, que foram Rodrigo e João de Moya, primos de meu bisavô: ganharam executoria de sangue em propriedade; e não entrou meu bisavô com elles no litigio por falta de meios; de tudo tenho razão e papeis em meu poder.

“Tenho outra executoria de mais de 260 anos de antiguedade, que se ganhou com a villa de Moya e contra esta cidade.

“Ha outra dos Moyas de S. Miguel, que a tem D. Diego de Moya, Cavalleiro do Habito de Calatrava.

“Ha, na dita parochia de S. Miguel outros Moyas, a quem chamam Moyas Cañabates, muito limpos de sangue e antigos.

“Ha outros no “*Arrabal de San Ildefonso*”, que são successores de João e Luiz de Sotomayor, irmãos, que litigaram em 1609 e sou de parecer que somos todos uns.

“Em Indias ficaram uns mocinhos, filhos do meu primo-irmão D. Antonio de Queiroga e Moya, Ouvidor que foi de Guatemala; o qual teve outro irmão, que se chamou D. Pedro de Queiroga e Moya, Ouvidor de Sevilla e Collegial Mayor que foi de San Ildefonso de Alcalá de Henares e Cathedratico de Prima em Canones.

“Depois foi Ouvidor do Conselho Real do Mexico à residenciar
“o Vice-rei e morreu lá.

“Foi varão que desempenhou seus cargos com a maior satisfacção dos outros.

“Estes foram dos Quirogas de Galicia, familia muito illustre e
“sua Executoria està em minha casa.

“De D. Antonio ficou em casa de João de Moya um filho, e
“este casou com irmão de minha mulher, e morreu sem successão.

“Eu casei com irmã de D. Pedro Pizarro de Leyva e Sotomayor,
“me encontro com 5 filhos, dois varões e trez meninas; duas destas
“estão no Convento de Santa Maria dos Anjos; e a menorzinha
“em casa.

“O maior e herdeiro do morgadio de minha casa, se chama
“D. Amador Christovão de Moya e Pizarro; o 2.^o se chama D. Antonio de Moya.

“A’ minha prima e à D. Fernando nos encomendamos com
“afecto, e com elle pedimos a Nosso Senhor que guarde a V. Mercê
“muitos anos.”

* * *

O conteudo da carta antecedente nos manifesta o estado em que se achavam estas linhas, quando a carta foi escrita na cidade de Jaen.

Espanharam-se ramos do tronco dos Moya por toda a Espanha e fòra della e nunca faltaram varões deste apellido e linhagem, que estiveram recebidos e em continuada posse de nobreza e fidalguia de sangue, como consta dos livros Capitulares de Refación e Empadroamentos, assim na dita cidade de Jaen, como na de Ubeda, Guadix, Antequera, Almeria, Alcalá la Real e em outras muitas povoações de Andalucia, adonde ao presente (1743) subsistem ramos dos que se nomearam.

Tambem os ha em Madrid, Cadiz, Avila, em muitas povoações do reino de Murcia; em Almarçha, bispado de Cuenca, à meia legua do Castello de Garcimuñoz, permanecem linhas deste tronco e são muitos antigos. Representa hoje esta Casa, em dita villa, D. Victor de Moya.

Em Parrilla, no dito bispado estão de posse da nobreza e de uma destas linhas resultou D. Diego de Moya, que se mudou à Provencio, donde reside (1743).

Os ha, muito conhecidos, no Arcebispado de Toledo. Em Indias tambem se propagaram copiosamente.

E todos os deste apellido, que gozam de nobreza e mantem os documentos della, são derivados dos que antes houve no principado de Catalunha, em cujas montanhas se ampararam quando os arabes possuiam com absoluto dominio as provincias de Castella, de Aragão e de Valencia, as quaes foram depois restauradas pelos catholicos. E povoaram nellas os desta nobre, illustre e esclarecida linhagem, qualificada de tal pelo que contém este Compendio, no qual se resumiram as prin-

cipaes memorias, que asseguram a origem, antiguedade e distincção que por si mereceram os ascendentes desta Casa, deixando a seus successores a importancia e distincção que, nos diz o Muito Rev. Pe. Mestre Fr. João Baptista de Aguilár, no seu Governo Moral, 1.º discurso, o que se terá presente para não desaproveitar o que é de tanto apreço na sociedade.

—FIM—

NOTA DO TRADUCTOR:

A obra é impressa In. 4.º, 50 paginas, pergaminho. 10 cm. x 17 cm. de texto; ou 15 ½ cm. x 21 cm., por fóra. Obra rara: só se conhecem 4 exemplares.

BIBLIOTHECAS ONDE SE ACHA O ORIGINAL ESPANHOL:

- 1) Bibliotheca Nacional de Madrid (2 = 8.109).
- 2) Bibliotheca da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid (antigos Estudos de São Isidro).
- 3) Bibliotheca do Snr. José Rujula, Marquez de Ciadoncha, Rei de Arma (Archivo Heraldico, Madrid).
- 4) Bibliotheca do traductor, Salvador de Moya (S. Paulo, Brasil).

BIBLIOGRAFIA:

- 1) Moya (Antonio) Rasgo Heroyco, pg. 204.
- 2) Rujula (Juan Felix), Certificacion de D. Francisco Sierra e Moya.
- 3) Tesoro de la Libreria Vetusta. Catalogo I, pg. 74, n.º 197, com cliché, preço 500 pesetas ou seja 1:250\$000.

